N.º 216 (5.º)—338, 7.º ANNO TERÇA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 1915

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Trabalho colorido da Lithographia Matta
Rua da Magdalena, 63 a 70

Trrim — Trrrim — Trrrim
— Está lá?
— Senha
— *Rodam*... todos.
— Então que tal?
— O' filho, foram todos no embrulho.
— Bem, bem! E' preciso convencê-los
que o movimento não tem caracter partidario.
— Tá visto que não tem!

Ora até que emfim, já temos um ministerio livre de partidarismos.

Ares de Hespanha

Tres barcos de guerra hespanhoes visitaram as aguas portuguezas e serenas do Tejo.

Apresentamo-os aos leitores:

El D. España.

Cabalero Rio de la Prata.

El niño torpedeiro X...

As prendas destes trez cavalheiros são faceis de advinhar. 15 mil toneladas, mil e tal o segundo, elegante o terceiro, e que como V. Ex.as sabem tambem, nos vizitaram para que em si se refugiasem os milhares de hespanhoes que constituem a colonia galaica desta illustre cidade.

E' certo que os hespanhoes perigaram com a revolução.

Um periodico hespanhol dizia na sua unica e magistral reportagem que uma granada que cahiu nos Prazeres revolveu os mortos; que um irmão do sr. Pimenta de Castro matou o sr. João Chagas; que um oficial de cavalaria matou o assassino, que foi atacado o representante de Hespanha.

Perante tantos horrores que a brizá levou aos olhos do correspondente do periodico madrileno e não deixou chegar aos nossos, era logico que os illustres subditos da nação vizinha desejassem ser salvaguardados de alguma granada que os remexessem como aos mortos do cemiterio dos Prazeres. Felizmente os jornaes não falaram deste nefando caso, estando nós quasi capazes de dizer ao correspondente do periodico hespanhol que... os mortos, afinal continuam mortos e até ao momento do nosso jornal sair ainda não fizeram as suas reclamações.

E vae d'ahi, o governo hespanhol que é mesmo doidinho pelos hespanhoes residentes em Lisboa, inclusivé os industriaes de pau e corda das nossas esquinas, os deita-gatos e carteiristas de exportação, resolveu enviar aquelles trez cavalheiros de couraça e torpedo para... embarcar em caso de aflição os referidos subditos.

O torpedeiro principalmente devia acomodar muito preclaro cidadão.

Ficava a perder de vista o *Hotel do Pinho* onde aliaz se reune muito bom cidadão de Tuy e Orense!

Se a memoria nos não falha em 5 d'Outubro não veiu cá proteger os subditos nenhum barco fanfarrão.

Não admira porque já se passaram alguns anos e *nuestros hermanos* são de memoria muito ingrata.

Isso não resta duvida.

As colonias portuguesas—atrevem-se os malditos a pensal-o—são d'ora a'vante um prolongamento da colonia da grande Hespanha.

E é aqui que nós repetimos a nossa afirmação de que os nossos visinhos são falhos de memoria.

Repetir, ou lembrar as *paginas de ouro* que a Historia de *eles*, regista em terras de Portugal era uma ingenuidade!!

Burro velho, diz um proverbio, não aprende linguas; muito menos historia!!

Contentamo-nos em lhes dizer de cá tambem do alto de colunas impressas, como eles usaram para vomitar as suas insidias de Quixotes (Quixotes? Sanchos, Sanchos e bem Panças!) que os portugueses no meio das suas questiunculas, das suas revoluções de trazer por casa, no meio do morrorio e vivório e pancadório de toda a hora sempre tem apreço pelos torrõesinhos que tem sabido guardar e conservar honestamente.

Por certo que a Hespanha avançada, civilisada, e adeantada as administraria mais prosperamente, por exemplo, Cuba, mas... E depois ha outra coisa.

Portugal é Portugal, Hespanha é Hespanha.

Podem-se unir em barda os portugueses ás hespanholas que os dois estados hão-de ser sempre distintos.

Pode o exercito ser fraco, e estar um tanto desorganisado; a armada ser de torrar amendoim; o material de peças... de fogo de vista, que não é por isso que um *passeio militar* até Lisboa se efetuará ao som do hino ou da marcha da Carmen!

Como a história do homem que mata o gato, que papa o rato, que faz o buraco que abate o muro que tapa o sol, que aparece a terra, etc, etc, assim Portugal tem provincias que tem cidades, que tem vilas, e tem aldeias, que teem ruas, que teem predios, e que teem casas, que teem gente, que teem pedras, e teem paus, e teem facas e até... mesmo podem ter pás como a da D. Brites de saudosa e esquecida memoria.

Ora perante tanto material e sabendo-se, como disse o antecessor do sr. Afonso Costa, o Marquez de Pombal 1.º que cada um em sua casa pode tanto que mesmo depois de morto são precisos quatro para os levar de lá para fóra, nós somos de parecer que o melhor é os aguerridos pimpões de Castela, irem para entreter a febre beliciosa, batendo-se... com as madrilenas bonitas que por lá tenham.

Metam-se consigo, ouçam as opiniões do sr. Dato, muito ilucidativas e fecundas e deixem-n'os em paz ou em guerra como mandam os mandamentos da Desónião dos partidos.

Deixem-se de mandar os seus vasos de guerra á bacia do nosso lindo Tejo.

Demais a mais, não é das coisas mais aceadas isto de vir *ás bacias* dos outros!

E por hoje basta.

Á procura dos badalos

Em Lagos roubaram os badalos aos sinos. Nem os badalos escapam!... As autoridades procedem, afim de vêr se conseguem achar os badalos!...

Riso amarelo...

—Mas tu amas-me *Alfuredo?*

—Se te amo! Venero-te, Dulcinêa querida dos meus pensamentos, alma de todo o meu sêr...

Ela, linfática e desgrenháda, debruça-se no parapeito (1.º andar lado esquerdo) e balbucia em falséte amorudo:

—Pois eu, Alfuredo adorádo contento-me com o teu amor e uma cabana!

Um *ai* prolongádo e a passagem de um borrachão interrompe o coloquio.

Durante a pausa, eles pensam no amor classico, genero Bocage, e na cabana de cento e tal escudos n'uma das avenidas novas...

NOTA. — Esta fita é corrida em inumeros pontos de Lisboa, com pequenas variantes, entre as 21 e as 24. A's vezes tambem ha "matinées".

*

Diz a *Capital* que o sr. Manuel Monteiro, ministro do fomento, tem predileções artisticas.

Não creio!

Pois é possivel que aqui em Portugal haja alguem de bom gosto?

N'esta terra onde a verdade de Eça de Queiroz é mutilada, onde as paredes e muros estão cobertos de indecencias, onde as Pires e as Soisas bordam e pintam peor do que o meu carvoeiro, onde as exposições de arte só são visitadas por moscas!

Não! E' impossivel.

E como que a justificar esta minha incredulidade está a minha propria pessoa que só possue uma predileção artistica: a de não ter nenhuma...

O homem que ri.

Revoluções!

Quando o povo se vê mal governado
por quem dizia ter *envergadura*,
e não quer suportar a *ditadura*
aonde o querem pôr acorrentado;

torna-se, então, em facto consumado,
a luta fraticida, austéra e dura,
que faz cahir aos pés essa armadura,
onde o governo está *acobertado*.

Mas, depois, esse povo vê então,
apoz já ter passado a rev'lução,
unir *os dirigentes* dos partidos.

E quando tudo julga ter socego,
novamente se vê desasocego
entre esses *dirigentes desunidos!*...

Vid'alegre

João de Freitas

Não tremeram de pavor, não, os mortos que dormem o somno eterno no humilde cemiterio de Torres Novas ao baixar á valla despido de galas, de honrarias, de discursos balofos e sem a saudade de uma pessoa amiga, o corpo do Senador da Republica, a quem o *Mando*, na sua má e sempre nefasta politica de odios, apoda de *louco!*

Esquecido o assassino, varado pela bala de outro assassino, o seu corpo, moido pelas bengaladas da *Acção Popular*, e todo seu sangue ainda, foi, singelamente, metido n'um esquife, e dado á sepultura, como um leproso, como um cão vadio, sem que uma voz apiedada se erguesse, clamando:

—Esperem, esperem que alguem corra a guardar essa carne para vós repugnante, nas quatro taboas de um caixão modesto.

Consintam que um amigo o procure, que alguem o conduza á cova, e ali seja guardado, agora que a justiça humana ja d'ele nada pretende, e a victima se ergue, combalida do ataque, mas vigorosa na convalescença, quem sabe se perdoando ao agressor... ao louco... ao apaixonado por uma politica odiosa que dominou ambos!»

E ninguem falou, porque ninguem esperou.

João de Freitas, assassino politico como Buiça e Costa, não teve como estes, as honras de uma celebridade posthuma.

O louco, o malvado, o covarde, o canibalesco, vil e traiçoeiro assassino, como agora lhe chamam, não assassinou um rei, nem um principe; não surgiu, na praça publica, armado o braço homicida, contra alguem de uma familia real, ora extincta, ou... de politica diferente.

Não, o louco ousou apontar a um homem da mesma raça mas de politica diferente da sua, apareceu no compartimento de um comboio e alvejou um homem, heroe de annos passados, figura grandiosa da revolução do Porto, e escriptor vigoroso, e, depois do atentado, egual a todos os attentados politicos, alguem o matou, arrancou a vida ao assassino que, afinal, a justiça pretendia para condemnar ou recolher n'um manicomio, porque lhe chamam louco...

Ah! como é a vida, como são os homens e como é extraordinariamente rancorosa a politica portugueza!

Vinicio.

N. da R. — Por falta de espaço deixámos de publicar este artigo no numero passado.

Que tal, hein!

Eu nunca fui *talassa*. A monarchia
jámais me avassalou. A reação
com força fustiguei, quando podia,
em varios dos jornais d'esta nação.

Jámais pude *gramar* a tirania
de quem ao despotismo fez junção,
e, sem aconselhar a rebeldia,
jámais aconselhei a escravidão.

No entanto—podem crer que eu acho graça
ao caso de chamarem-me *talassa*,
quasi que na praça publica,

quando, outr'ora, um jornal—o caso é fino!
ousou, então, chamar-me *jacobino*
por defender a Republica!

Candido Torrezão (K K. To).

Da vida alheia...

—E a revolução?
—Ai, filha, não me fale nisso...
—Sempre tive um susto!...
—E eu?
—Mais de três dias não preguei olho...
—Púdéra!...
—Depois, era cada tiro que mettia mêdo!...
—Segundo me disseram, ainda foi peor que do 5 de Outubro.
—Não, que a marinha não é para graças.
—Diga-me cá a mim, que tive um namorado marinheiro, fogoso como o diabo.
—Sim?!
—É verdade. Quando os patrões iam ao theatro, e elle me vinha falar á escada, não estava com demasias e *atracava-se* que era uma consolação...
—Por ahi já pode vêr...
—É claro.
—Andava tanto homem armado d'esta vez...
—Eu não vi senão marujos. Eram marujos na rua, marujos na escada, marujos em casa, marujos na gaveta da comoda, marujos na mezinha de cabeceira, até me parece que na cama vi um marujo...
—Crédo!...
—Já lhe disse!
—Então a sua casa foi um quartel de marinheiros?!...
—Que lhe havia eu de fazer? Se lhes não abrisse a porta, apontavam-me logo a espingarda...
Sáfa!!...
—Um, até me ameaçou de me enfiar a baioneta, ali na escada, pela manhã, quando fui tomar o leite.
—Sério?!
—É verdade!
—Mas não enfiou?...
—Não, porque eu fugi!... Sempre tive um mêdo!...
—Calcúlo!...
—E depois... uma coisa tão comprida...
—Olhe lá... e a sua patrôa tambem teve medo dos tiros?
Qual!!... Essa ainda é mais corajosa que o patrão...
—Que me diz?
—Digo-lhe isto. Está sempre a meter-lhe o corpo em fôfas.
—E elle?
—Elle não quer, mas ás vezes...
—Vai?
—É claro. Dizem até que ella o tem armado muita vez...

****

Era uma vez

****

O pão nosso... da semana

Secção amarga

Depois da revolução
que assustou os *talassinhas*,
já não ha mais *pimentinhas*,
nem sequer um *pimentão*.

Tremeu o céo e a terra,
e o mar tremeu tambem,
pois desde Alfama a Belem
todo o povo andou em guerra.

Ergueu-se, agora, ao poder,
um governo nacional,
para dar a Portugal
ordem, progresso e dever.

E por isso, ó cidadãos
que sois, como eu, portuguezes,
deixae lutas e revezes,
e tratae-vos como irmãos.

Vid'alegre

Soltas

Divida flutuante

Vai bôa de saude e tem engordado graças ao separado.

Em 30 de junho de 1910 era de 82.058.948$82 reis; em 31 de janeiro de 1915 de reis 103.881.312$690, isto é mais 21.812.363$870!

Como se vê temos progredido...

A cosinha moderna

Recebemos os tomos 7 e 8 d'esta magnifica obra, digna de ser possuida por todas as boas donas de casa.

Como sempre as receitas são em numero avultado.

Egualmente recebemos os tomos 25 e 26 do romance *A victima d'um padre*, que tem obtido um bom acolhimento.

Cada fasciculo d'estas obras custa 2 centavos e cado tomo 10 centavos.

Agradecemos ao Sr. H. B. Torres, proprietario da Bibliotheca do Povo a gentileza da offerta.

NUNCA

Nunca, nunca perco o tino,
nem ha nada que me masse,
quando canto o bom Sabino
e o seu **Chiado Terrasse**!

K K. To.

Feira de Santos

Realisou-se no sabbado passado a inauguração d'esta feira, que durante o dia levou inumera gente a visital-a.

Além de diversas barracas de divertimentos destacou-se o **Salão Ideal e Phantastico.**

Em redor dos factos

Quem vive?

Ainda é cedo, — porque mal se apagou o ruido da fuzilaria e está quente a terra que escondeu os mortos, — para que o ajuste de contas, a liquidação final, reparta, a quem toque, o quinhão dos ultimos acontecimentos.

Não se escreverá a historia um dia, como é uso dizer-se agora, quando a rua revolucionaria se ergue, tôrva de sangue, sedenta de odios, porque a Historia de Portugal não pode ser, jamais, archivo de chacinas partidarias, ella que contem, em cada pagina, o valor do nosso exercito, e a nobreza da nossa armada invencivel.

Unicamente o ajuste de contas, nada mais.

E' necessario que Portugal se erga um dia, sacudindo de si a desordem, para que a Historia possa escrever-se conscientemente, detalhadamente, e então veremos nas suas paginas não a honra do seu exercito comprometido, mas os feitos gloriosos dos seus filhos.

Não ha-de dizer-se ao futuro que a revolução estalou para semear na cidade os salteadores de sapatarias, de colegios, de cervejarias, mas sim contar, em letra, de sangue e ouro, que em cada portuguez, surgiu um soldado e esse exercito extraordinario, grande, formidavel, barreira de peitos leaes, avançava para rechaçar, heroicamente, um exercito invasor, um inimigo estranho!

Esta a Historia.

A revolução recente é, ninguem o pode negar, um caso da rua, com a sua *Acção popular*, como diz o *Seculo*.

Teve a heroicidade dos nossos marinheiros, bravos sempre, rudes e fortes, e a infamia dos desordeiros, sanguinarios, terroristas.

Movimento partidario, só, mais nada, colocando á frente uma junta revolucionaria... de um partido forte, cujos nomes, agora tornados publicos, são a melhor prova que posso buscar n'este emaranhado caso politico.

Ministerio nacional, com nomes sãos, puros, atirados á rua pasmada, e que, no momento preciso, desaparecem, porque não aceitavam, nem sequer pensaram n'essa honraria...

E o ministerio nacional, constitucional, não é mais que um ministerio partidario, com dois nomes, o maximo, alheios ao partido!

O movimento, revolução, ataque, voz do povo justiceiro, como queiram chamar-lhe, estalou debaixo da bandeira de um partido, com a inconsciencia dos revoltosos, a traição de uns e a cobardia de muitos.

Ainda é cedo, ainda, mas algum dia ha-de saber a Historia, que ensanguentado relato pretendiam juntar ás suas paginas fulgurantes, e procurar n'esse relato se lá ficou, claro, saltando aos olhos, o *apoio* das espadas e a arruaça dos partidos, a acção benefica e protectora, a ingratidão e a difamação.

Folhear esse *apendice*, e investigar que gloriosa façanha é essa, que faz tombar Assis Camillo, Barbosa morto pelas costas, o assassinio de quatro policias que sairam á rua, quando a imprensa apregoava a *normalidade* na capital, ainda escutando o tiro isolado, homicida, aqui, e ali; e os assaltos a colegios, a casas particulares, a monarchicos, inofensivos uns, e outros que a *acção popular* não soube guardar á vista, e fugiram, escapando á caçada!

Revolução!

Ainda é cedo, repito, e oxalá nunca seja proximo o dia em que os revolucionarios, cahindo em si, comprehendam que a sua revolução não foi feita para salvar um regimen, mas sim *para salvar* um partido.

Ai de nós, porque n'esse dia temos... nova revolta.

Vinicio.

Explicações da pagina central

Collam-se em cartão e recortam se, com coragem e paciencia.

Prendem-se depois os braços com um fio de linha do sr. Grandella, nos pontos encarnados A, ao ponto A do D. Quixote.

O braço que empunha a lança, por detraz da figura; o do escudo, pela frente.

Seguindo o mesmo processo se seguram os pontos C das pernas, ao ponto C da figura e o ponto B da cabeça do cavallo, ao ponto B. Estes pontos são, por assim dizer, o eixo entorno do qual se exercerá o movimento.

Depois dum descanso de algumas horas (porque o trabalho é fatigante), resta-nos para imprimir esse movimento a estes animaes, seguir os outros pontos, (estrelas) por ex.: do freio do mais inconsciente, ao ponto do pe coço e deste ao do escudo, o que finge de redea. Finge mas não é.

Ligam se depois os braços com uma linha que vae do ponto dum, ao do outro pela fenda vertical da figura, ao lado do ponto A, que deve ter sido aberta com um canivete, e esta mesma linha terá o comprimento preciso, para se puxar depois. O mesmo se faz se não estão outra vez cansados de trabalhar, ligando os pontos C das pernas pela fenda ao lado do ponto C da figura, prendendo a linha deste ponto, á linha de puxar que nos vem já dos braços e que faz com que o famoso *fidalgo* se ponha a caminho.

Para o Sancho Pança, seguir exatamente o mesmo processo. As letras estão aqui representadas por numeros.

O registo civil

É uma mina para alguns felizardos. Neste ponto não estamos mais bem servidos do que nos tempos da outra senhora.

Uma revolução...

A normalidade restabelecida. A Pimenta afinal era inofensiva. Á tempestade succedeu o bom tempo. Depois de uma noite tempestuosa succedeu um dia prenhe de alegrias. A harmonia succedeu á desordem. Contribuiu para esse efeito a firma Barbosa Esteves & C.ª que proíbiu nos seus estabelecimentos que se fale *em politica*. Por esta razão as suas Ourivesarias da rua da Prata e do Torreião da Praça da Figueira, frente Betesga e rua das Galinheiras, regorgitam de freguezes, afim de se ornamentarem de joias de alto valor por preço comodo.

Filosofando...

«A revolução é um gesto de Deus», segundo Hugo.

Mas har evoluções que regeneram os povos e ha revoluções que geram a miseria. As primeiras são libertadoras; as segundas são opressoras.

O Mexico é um triste exemplo destas ultimas, que não teem por fim um ideal, mas a ambição de alguns militarões...

As revoluções podem ser depuradoras quando estão ao lado do direito contra a injustiça, defendendo o oprimido contra o opressor.

Nas revoluções ha gestos que notabilisam.

Na revolução franceza, diz Hugo, que o gesto 14 de julho libertára; o 10 de agosto fulminará e o 21 de setembro fundou.

Oxalá que o *nosso 14 de maio* alguma coisa traga de util. porque se o não trouxer, pena é que tanta gente se sacrificasse.

O povo bateu-se, como sempre, com a costumada valentia. Verteu seu sangue pela Republica. No necroterio ainda estão os cadaveres de algumas vitimas da sangrenta jornada.

Vamos entrar na epoca da pacificação.

Justo é que os dirigentes pensem mais nos problemas economicos e menos na politica.

Não basta gritar: **Ordem e trabalho!...**

E' preciso mais obras e menos palavras.

Melhorar as condições de vida do povo é um dos principais problemas a resolver.

Encarar de frente os problemas a resolver, é uma necessidade imperiosa.

Os paliativos nada resolvem.

Um povo que se sacrifica por um ideal tem o direito de se erguer e reclamar justiça para á sua causa.

Essa causa é sagrada, porque se trata do futuro dos filhos do proletariado português.

Não basta prometer. E' preciso cumprir.

Se o regimem atual está arreigado no coração do povo português, é precizo que se diga que os governos da Republica nada fizeram ainda em beneficio do mesmo, embora este tenha sacrificado pela Republica a sua vida, regando esta terra generosa com o seu preciozo sangue.

Urge que os governantes baixem seus olhos ás profundezas sociais e que vejam bem a miseria do povo, que sempre encontram pronto para defesa das instituições vigentes.

Jean Jacques

O' Tempora...

Sinto, não sei porque, um certo *engulho*,
pensando, creio eu, maduramente,
nas scenas, lamentosas, de barulho,
que esta cidade viu ultimamente!

Vêm elas desmentir, todo o orgulho,
com que o nosso cantor, o mais fluente,
falava dum bom *povo*, entre o marulho,
das ondas desta praia do Ocidente.

Os homens, *esforçados*, aguerridos,
mais do que prometia a força humana,
jámais p'la mesquinhez foram cingidos!

A força dum paiz, creio, dimana,
de ufano conceder — *Gloria aos vencidos*,
fugindo aos *vis* processos da Chicana!

Candido Torrezão (K K To).

Secção Amorosa..

Os apaixonados uzam agora muito corresponderem-se por meio de anuncios.

O systema é antigo, mas agora está muito em voga.

Ora vêjam isto:

8 de novembro

Recebi tudo. Espera sabado Estou bem. Mil saudades.

Não quer mais nada?

3

Preciso falar hoje sem falta, grade Campo Sant'Ana, ás 4 horas, vou só.

Se falta á entrevista, é que são elas...

Pobres pombinhos!

L. A.

Saudades.

E á prima que está a burra cóxa...

*

Recebi c. e... agradeço te, meu anjo; tem sido impossivel responderte. A fé das tuas santas palavras é a resignação da minha triste vida. Anceio podermos... Saudades a B, e tu... B. A

Pobre anjo. Caiu do ceu por não ter unhas... Podermos... Oh! Apaguem os desejos... Nada de cerimonias. Enquanto ha vento, molha-se a vela...

*

Ventura é o que lhe deseja quem espera e faz votos seu socego espirito. Agradeço.—7-5-5.

Não te aflijas menino. Vai para um convento e faz votos de castidade...

Zit.

A odisseia do cruzador ligeiro allemão "Fagote"

(Continuação do n.º 213)

O "Fagot,, navegava velozmente gastando somas inauditas de carvão.

Emquanto somou foi tudo muito bem mas depois começou a subtrair assombrosamente o que fazia dar ao navio um avanço negativo.

Um fogueiro ao notar que a maquina *avançava para traz* subiu a escada com uma *mécha* de 30 Km. á hora, em quarta velocidade e foi comunicar ao almirante que havia abundancia de falta de carvão.

Este não gostou da presença do fogueiro, porque estava rabiscando uma carta muito perfumada para a pequena, onde os XX e os YY corriam parelhas com as palavras mais estrambolicamente imaginaveis. Não gostou e porisso puchou dum apito e assobiou os primeiros conpassos do *Dautchland uber alles* (letra do kaiser e musica de David de Sousa.) O gato de 9 rabos que estava fazendo contas de cabeça, encostado a um canto, ao ouvir o toque de avançar, levantou o acampamento, evolucionou e partiu á desfilada cahindo de *calhortras* em cima do pobre fogueiro.

Este que não esperava um ataque tão insolito desfez logo o bicho de batalha, enrolando-se á presa n'um carrinho J.P.C. formou apressadamente as suas tropas e bateu em retirada deixando no campo 170 canhões, 29 aeroplanos, 18 dirigiveis, 30000 prisioneiros e o chão todo juncado de cadaveres, uns mortos, outros vivos, estes semi-mortos, aquelles semi-vivos, etc.

O Kaiser ao saber desta grande victoria mandou pintar um pequeno quadro, medindo 50m X 70m, descrevendo a saguinulenta batalha, lavrou na ordem do dia uma nota elogiando o gato e condecorou-o com a cruz de ferro de primeirissima classe.

Von der Botas em vista da falta de carvão mandou preparar no laboratorio de bordo meia arroba d'ele.

O quimico insurgiu-se declarando que não era carvoeiro mas içou logo no mastro real a bandeira branca ao avistar o gato com a cruz de ferro ao pescoço.

****

Assignantes d'O Zé CALOTEIROS

João de Sousa Uva
S. Braz de Alportel

Januario Ferreira
Tropeço Arouca

José Aranha
Bom Sucesso
FIGUEIRA DA FOZ

Theatros

Nacional. Realisa se hoje a festa artistica da actriz Lucinda do Carmo, subindo a scena em *première* as peças *Mexericos* e o *Pão de cada dia*.

Depois de amanhã recita da actriz Maria Pia, com a despedida da festejada peça *O Coração manda* em que entra Palmyra Bastos.

Eden. O grande sucesso da semana, *A Viuva Alegre*, magnifico desempenho da talentosa actriz Palmyra Bastos.

Brevemente recita do actor Armando Vasconcellos com a revista *Ceu Azul*, e a seguir recita do actor Almeida Cruz com a *A Perichole*

Trindade. É hoje que se realisa a festa artistica da conhecida actriz Auzenda d'Oliveira, subindo á scena a oppereta *O Boccacio*. Na quinta feira proxima despedida da companhia com a zarzuella *El rei damnado*, em festa do actor Gomes.

Gymnasio. Antonio Costa e José Alves Junior, conhecidos actores, realisam a sua festa no proximo dia 29, no elegante theatro do Gymnasio, representando-se as comedias *Deputado Independente* e *Em 11 de Maio*.

Rua dos Condes. Todas as noites, variedades. Ultimas apresentações da *Duqueza X. Films* escolhidos.

Variedades. Estreia-se no proximo sabbado a companhia de oppereta e variedades dirigida pelo actor Alfredo Silva, fazendo parte da companhia a actriz cantora Delfina Victor.

Colyseu dos Recreios. O bailado *Excelsior*, continua em pleno sucesso.

Hontem estreiou-se o artista portuguez Silva Carvalho. Durante a passagem do *Excelsior*, será executada por 50 professores a partitura lirica do compositor Mavenco, regida pelo maestro Carlo Superti.

CINES

Trindade. O preferido do publico.

Sempre variedades cinematographicas.

Terrasse. O mais comodo cine da capital. O grande sucesso de hontem *O Castello da Aranha*.

Central. As 3 estreias de hontem, entre ellas *Divorcio Fatal*. Magnifico sexteto.

Foz. Concerto. variedades e animatographo. Estreia da coupletista *Tina Dezuet*.

Olympia. A estreia de hontem *A Dança do Diabo* desempenhada pela Rainha da Beleza.

A causa de muitos banzés